



RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA E.P.

I GRANDE PRÉMIO DE TEATRO

Manuel Graça Neto

HOMEM E Cã

Nº 396

Pseudónimo: Miguel Tautinegra

396

UFLONG 1788



H O M E M & C o .

Esta peça é, embora acessoriamente, porque não podia deixar de o ser, um exercício de actor. O autor quer, no entanto, começar por recomendar ao actor que vier a representá-la aquilo que lhe parece ser uma condição indispensável para a sua correcta realização. Nada de virtuosismos. O mínimo alarde de técnica por parte do Solista significar á uma traição irreversível. É, em grande parte, nessa capacidade de depuramento que consiste o exercício.

Ainda para o Solista. As chaves duma interpretação correcta desta peça: sentido do ritmo do gesto, um jogo apurado de silêncios e palavras e, sobretudo, um microscópico sentido do tempo. O cálculo da duração exacta de todas as acções é essencial para o cumprimento integral da peça.

Os acessórios que se pressupõem ao longo da peça são imaginários. As únicas excepções são:

- A pasta do fujeto Da Pasta,
- o baralho de cartas da sequência final.

O autor deseja chamar a atenção do encenador para a importância do súbito aparecimento de acessórios reais. É um elemento decisivo.

Evidentemente, temos o tabaco. O charuto do Fuzete Da Pasta é real, os cigarros do solista são reais. Até os dois Ajudantes de Cena podem fumar cachimbo, se quiserem. (Mas só cachimbo, as mãos devem estar sempre livres.) Quanto ao Solista, pode fumar os cigarros que lhe apeteçarem ou conviçarem, quando encontrar no texto indicação para o fazer e quando não encontrar. Acender um cigarro é um dos acontecimentos mais teatrais que o autor conhece.

Os cenários: não há cenário, apenas a cadeira do solista no meio dum palco vazio. Nas alturas indicadas surgirão certos conjuntos suabíricos, o mais reduzidos possível, que sugerirão um cenário, embora o mais vaga e imprecisamente de que o cenógrafo for capaz.

São, de resto, só dois:

- o Bar.

- o Escritório.

Ah, já me esquecia. É claro que a cadeira do Solista, as cadeiras de rodas, a poltrona, a mesa e a secretária são reais. O autor esteve quase para não especificar este óbvio pormenor, para ver o que acontecia.

A cadeira do Solista: enorme, confortável, imponente, acolhedora, complicada, árida, íntima, retorcida. Que não seja cadeira de mais. Não esquecer qualquer coisa de ninho. Muito cuidado, esta cadeira é a própria paga.

O Solista vestido como o encenador entender. Mas, em qualquer caso, os dois Ajudantes de Cena devem estar vestidos exactamente da mesma maneira que o Solista.

E, agora, a peça está quase a principiar. A sala está cheia (o autor espera), densa expectativa, excitação, comentários. Apagam-se as luzes da sala.

Tem que haver um pano de cena. E de correr, dos que se afastam ao meio. É assim. Reparar.

Acendem-se as luzes do proscénio. Entram por fora do pano de cena, um de cada lado, os dois Ajudantes de Cena. Caminham um para o outro. Chegando ao meio, curvam-se numa gentil e cavalheiresca reverência mútua. Correm o pano, um para a direita e o outro, como seria de prevôr, para a esquerda. Apagam-se as luzes do proscénio. O pano abre-se sobre a cena às escuras.

Atenção: luz.

O Bar. O Homem sentado a uma mesa.

O HOMEM, voz pastosa. - Por que é que não me deixaste?

n Silêncio. Vas menção de encher um copo, a garra-
fa não deita nada, está vazia, olha-a, volta a pou-
sá-la em cima da mesa, encolhe os ombros, acende um
cigarro.

O HOMEM, irritado. - Estás a ouvir, por que é que não me deixaste?

Pica inclinado para a frente, em suspenso, como
que à espera da resposta. Silêncio.

O HOMEM, um tanto desarmado. - Foi a última vez. Não me voltas a
impedir...

Silêncio. A passagem do actor de uma à outra personagem deve ser lenta e perfeitamente desenhada.

O MESMO - Para que é que bebes tanto? Não ganhas nada com isso.

O HOIEM, com uma risadinha de bêbedo, - Bebo muito, não bebo? (Baloi-
gando o corpo.) Garrafas e garrafas e garrafas...

O MESMO - Não devias beber tanto. Ainda acabas por me dar cabo do fígado...

O HOIEM - ...Barricas e barricas e barricas...

O MESMO - Chega.

O HOIEM - ...Cobertores e cobertores e cobertores... (Outro tom,)
Cada cope cá dentro parece uma aranha a empurrar-nos os olhos para fora... (Pausa breve,) Tu nunca sentiste isto, pois não?

O MESMO - Nem tenho vontade nenhuma. Nunca te vi ganhar nada com tanta bebedeira.

O HOIEM - Isso penses tu! Já alguma vez ouviste falar nos paraísos artificiais?

O MESMO, divertido, condescendente, - Os paraísos artificiais... An-
da, paga e vamos embora.

O HOIEM - Não queres beber nada, tens a certeza?

O MESMO - Vamos embora. Só dizes disparates.

O HOIEM - Sim, sim, os paraísos artificiais... Cada onda de sua cor,
o oceano lisinho como uma fita de adesivo, um barco lilás, um barco
amarelo, a pele da areia com saudades da chuva, a areia da praia a jul-
gar que é o fundo do mar, o sol lá em cima de óculos escuros e com